

OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS E O TRABALHO: UMA VISÃO COMPARADA ENTRE BRASIL E CHINA

Eduardo Luiz Zen¹

1 INTRODUÇÃO

Vários aspectos são considerados tradicionalmente como característicos das faixas etárias de transição da infância, um período com grande dependência para a autonomia característica da vida adulta. A saída da casa dos pais, a constituição do próprio domicílio, a maternidade ou a paternidade, o casamento, a inserção no mundo do trabalho, a independência econômica, entre outros, marcam este ciclo da vida dos indivíduos. Nas sociedades contemporâneas, na medida em que estes fatores passaram a se prolongar no tempo, a se complexificar, a ganhar relevância, a serem considerados problemas sociais, ficou evidente a necessidade de se tratar as faixas etárias que correspondem a esta transição como um grupo com características específicas, e com implicações políticas e sociais próprias. A forma como os aspectos citados influenciam no comportamento dos indivíduos que os vivem e como impactam a sociedade, inclusive fazendo emergir atores políticos, passa a demandar atenção de pesquisadores e de gestores de políticas públicas. A juventude, dessa forma, é elevada a uma categoria privilegiada de análise, pois em um contexto em que ganha cada vez mais relevância, fruto de mudanças econômicas e sociais da contemporaneidade, compreendê-la se torna necessário para se interpretar a própria dinâmica da sociedade.

Entretanto, nem sempre foi assim. Ao longo da história, e em alguns casos ainda hoje, a transição podia se dar da infância diretamente para a fase adulta, com casamentos precoces, a não separação dos períodos de aprendizagem e trabalho, a entrada no mundo do trabalho desde cedo etc. A categoria social *juventude*, como usada atualmente, é uma denominação própria da era moderna recente.

1. Mestre em sociologia pela Universidade de Brasília (UnB) e técnico de Planejamento e Pesquisa do Ipea, onde desenvolve estudos e pesquisas sobre políticas sociais, educação e juventude.

A inserção profissional ou a entrada no mundo do trabalho constitui-se, tradicionalmente, como uma das principais trajetórias de transição no caminho para a vida adulta. A busca por colocação profissional, como necessidade imediata ou projeto futuro, é certamente um dos assuntos que mais inquietam a juventude. A independência em relação à família ou as condições necessárias para formar uma nova família, assim como a própria autonomia característica da vida adulta; aspectos aos quais o jovem geralmente almeja, têm no trabalho um dos caminhos para serem conquistados.

Mas, se essa característica de ciclo da vida marcado fortemente pela transitoriedade é reconhecida, na maior parte dos estudos sobre juventude, como um elemento importante para definição do jovem (Sposito, 2002), isto não significa que existam modelos lineares para esta transição. Pelo contrário, a juventude constitui uma fase com grande heterogeneidade para a realização dos fatores que a caracterizam, inclusive no que diz respeito a sua relação com o mundo do trabalho.

De forma recorrente, porém, a literatura sobre transição para a fase adulta aponta que até há poucas décadas existia certa previsibilidade em determinados eventos, uma sequência mais ou menos esperada na vida da maioria das pessoas que marcava suas passagens pela infância, adolescência e juventude até a fase adulta. E que, pelo menos desde os anos 1980, esta suposta trajetória foi modificada por fenômenos sociais e econômicos amplos, como a reestruturação produtiva, trazendo imprevisibilidade principalmente em relação ao ingresso do jovem no mercado de trabalho após a conclusão dos estudos.

Ocorre que esses modelos sobre juventude servem muito para explicar a realidade nos países centrais do pós-Guerra, com pleno emprego e crescimento econômico, mas pouco se aplicam em países dependentes ou em desenvolvimento, como o Brasil ou a China. São mais adequados para países que democratizaram cedo o acesso à escola, inclusive o acesso massivo ao ensino médio. Em especial, estas análises, derivadas do contexto europeu, pressupõem altas taxas de escolarização. Estes tipos de análise partem da ideia geral que o comum para os jovens é ter o trabalho como fator subsequente à formação escolar, inclusive em relação a de nível superior.

No Brasil, porém, historicamente a juventude começa a trabalhar muito cedo. A transição para o trabalho após a conclusão dos estudos, embora esteja no centro de grande parte das pesquisas sobre juventude, não foi tradicionalmente tão mais relevante quanto o acesso de jovens que já trabalham à escola, visto que a universalização do ensino fundamental é recente, e mais recente ainda é a consolidação do ensino médio e a expansão do ensino superior. Há, ainda hoje, contingentes de jovens que não concluem a escolarização fundamental. E mesmo quando o jovem busca elevar a sua escolaridade, por vezes o faz combinando estudo com trabalho, na expectativa de que este segundo crie condições para viabilizar o primeiro.

Na China, que passa por amplas e rápidas transformações demográficas, em que o êxodo rural avança fortemente, o modelo vindo dos países centrais para descrever a transição à fase adulta tão pouco se aplica.

Diante desse quadro, os dados que aqui estão apresentados podem contribuir para aprimorar a visão sobre a relação da juventude, especificamente da juventude universitária, com o trabalho.

Este capítulo tem por interesse a atual situação do jovem universitário no mercado de trabalho. Nele utiliza-se como informação dados resultantes do *Estudo comparado sobre jovens universitários chineses e brasileiros*, realizado em 2012, com aplicação de questionários para estudantes de até 24 anos, em um total de doze universidades nos dois países.

Além desta introdução, este capítulo é composto por mais quatro seções. A seção 2 discute os dados sobre a situação de trabalho dos jovens universitários chineses e brasileiros, com recorte de sexo, inclusive a carga horária de trabalho comparada com o tempo em sala de aula dos que conciliam ambas as atividades. A seção 3 faz uma reflexão sobre como os jovens universitários chineses e brasileiros veem o trabalho, a motivação principal dos que trabalham, a explicação dos que não têm ou não buscam um trabalho remunerado e a importância que os jovens universitários dão a aspectos relacionados ao trabalho de forma geral. A seção 4 apresenta as expectativas dos jovens universitários quanto ao futuro profissional e suas pretensões sobre o que farão após a graduação. Por fim, a seção 5 traz as considerações finais.

2 JOVENS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E CHINESES: SITUAÇÃO DE TRABALHO

Diferenças substanciais são encontradas ao se analisar a juventude que está em universidades na China e a que está no Brasil. Em síntese, conciliar graduação e trabalho é a situação predominante no Brasil, enquanto na China, mais da metade dos jovens universitários pesquisados apenas estudam, como mostra a tabela 1.

Como pode ser observado, no Brasil, 52,5% dos jovens universitários tinham um trabalho remunerado à época da pesquisa, enquanto na China, menos de um quarto possuía o mesmo.² Em relação ao sexo, há mais mulheres chinesas que conciliam estudo com trabalho e no Brasil não existe diferença significativa entre os gêneros,³ sendo os homens jovens universitários levemente prevalentes nesta situação.

2. Para todas as afirmações presentes no texto em relação à existência de diferenças quando da comparação de grupos, foi realizado teste estatístico χ^2 (chi-quadrado) e os valores encontrados foram de $p < 0,001$, com apenas uma exceção de $p = 0,001$, o que significa que as diferenças constatadas entre os grupos analisados são significativas.

3. $p = 0,197$.

TABELA 1
Brasil e China: situação de trabalho dos jovens universitários, por sexo (2012)
 (Em %)

	China			Brasil		
	Mulheres	Homens	Total	Mulheres	Homens	Total
Trabalha	27,6	18,6	24,2	50,9	54,6	52,5
Trabalha sem remuneração	8,9	16,0	11,6	6,5	6,0	6,3
Está procurando trabalho	13,3	11,4	12,6	14,8	12,2	13,7
Não trabalha	50,3	53,9	51,7	27,8	27,2	27,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cykra.

No Brasil, 58,8% dos jovens universitários de até 24 anos trabalham, com ou sem remuneração, enquanto entre os chineses este valor é de 35,0%. Apenas cerca de um quarto dos jovens universitários brasileiros estão totalmente fora do mundo do trabalho, enquanto na China eles são pouco mais da metade.

O dado com maior semelhança entre os dois países é em relação aos jovens que responderam estar, semana anterior à da pesquisa, em busca de trabalho remunerado. Eles somam 12,6% na China e 13,7% no Brasil, número bastante alto que, mesmo não sendo exatamente igual à taxa de desemprego, traz indicações claras de que esta é bastante significativa entre os jovens universitários chineses e brasileiros.

A similaridade no percentual de jovens universitários chineses e brasileiros que estão buscando trabalho remunerado, porém, precisa ser relativizada, pois alguns dados sobre os que trabalham na China e no Brasil mostram realidades distintas, que levam a crer que a busca por trabalho remunerado não tem o mesmo significado nos dois países.

Na comparação dos dados em relação à carga horária de trabalho entre os jovens universitários chineses e brasileiros, por exemplo, há bastante diferenças. Apenas 6,9% dos jovens universitários chineses que trabalham têm uma carga semanal de trabalho de vinte e uma horas ou mais. A maioria (53,0%) dos que afirmam trabalhar tem carga de, no máximo, cinco horas por semana. Outros 26,0% têm carga entre seis e dez horas por semana e 14,0% dos jovens universitários chineses que trabalham têm carga entre onze e vinte horas semanais. No Brasil, conforme mostra a tabela 2, o cenário é bastante diferente.

Mais da metade (58,5%) dos jovens universitários brasileiros que trabalham o fazem por mais de vinte horas semanais. Outros 15,1% têm jornadas de trabalho maiores que quarenta horas, o que é muito difícil de conciliar com um curso de graduação.

TABELA 2

Brasil e China: distribuição, pela carga horária semanal de trabalho, dos jovens universitários que trabalham (2012)
(Em %)

Carga horária semanal de trabalho	Brasil	China
Até vinte horas	41,5	93,1
Entre vinte e um e trinta horas	24,2	6,9
Entre trinta e um e quarenta horas	19,2	-
Entre quarenta e um e cinquenta horas	13,3	-
Acima de cinquenta horas	1,8	-
Total	100,0	100,0

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

A variedade de carga horária, em especial as diminutas verificadas na China, são indícios fortes de que o trabalho para jovens universitários nem sempre significa trabalho regular, entendido como aquele que possibilita certa estabilidade e previsibilidade de renda ou salário no final do mês. Ou seja, o jovem universitário que respondeu que trabalha, nem sempre tem um emprego. Este trabalho pode se referir a determinados serviços ao qual o jovem recebe um pagamento, tais como traduções, transcrição de áudio de pesquisas, aulas particulares, serviços esporádicos de apoio em eventos, entre outros.

Em grande parte das vezes esses trabalhos esporádicos estão no âmbito da própria universidade ou se referem à área de estudo do jovem. E é provável que para boa parte destes jovens, o trabalho exercido tenha um caráter complementar, sem condições de lhes conferir total autonomia econômica.

Também é próprio do processo de inserção da juventude no mercado de trabalho alternar a procura de trabalho e passagens por diversas ocupações, na maioria das vezes menos estáveis, e com condições de trabalho mais precárias que as dos adultos. As trajetórias ocupacionais da juventude geralmente são marcadas pela incerteza, em que há pouca possibilidade de escolha; o emprego, quando disponível, tem remuneração baixa e carga horária extensa ou incerta. Ocupações de curta duração ou de alta rotatividade também são características ligadas ao mercado de trabalho para os jovens.

Além dos dados referentes à carga horária de trabalho, outras duas informações importantes complementam esse quadro inicial sobre a relação dos jovens universitários chineses e brasileiros com o mundo do trabalho. Em primeiro lugar, há uma discrepância em relação ao tipo de trabalho que ambos os grupos de estudantes exercem. Considerando apenas os que trabalham, 66,0% dos jovens brasileiros afirmam atuar nas suas respectivas áreas de graduação, enquanto apenas 28,0% dos jovens universitários chineses que trabalham estão na mesma situação.

Em segundo lugar, um dado que traz alguma relação com o tipo de trabalho que os jovens universitários têm acessado refere-se à participação deste segmento em sindicatos. O índice de sindicalização diz respeito, em uma visão ampla, à participação e ao ambiente político de cada país. Especificamente no mercado de trabalho, sindicalização indica, na maioria das vezes, o acesso a um emprego ou trabalho regular. No Brasil, com grande presença dos jovens universitários no mercado de trabalho, com cargas horárias mais elevadas, apenas 7,2% destes jovens participam ou já participaram de algum sindicato. Na China, com menos presença dos jovens universitários no mercado de trabalho, e com os que o fazem tendo carga horária menor, o índice de sindicalização neste público é próximo do dobro, 13,5%.

De qualquer forma, o fato de ter, de um lado, um alto índice de jovens chineses que não precisam conciliar estudo e trabalho quando estão na universidade, e quando o fazem são com cargas horárias de trabalho diminutas e, de outro lado, um alto índice de brasileiros estudando e trabalhando, certamente guarda relação com um conjunto amplo de aspectos de difícil mensuração, que diferenciam a realidade da juventude e do ensino superior nos dois países.

Ambos passaram recentemente por expansões fortes no acesso à universidade, o que fez com que fossem incorporados mais setores populares neste nível de ensino. Em relação à China, é fato que as ações governamentais de controle demográfico, especialmente a política de filho único implementada desde os anos 1980, tiveram grande impacto na atual da geração jovem. Com apenas um filho, os pais têm mais chance de concentrar esforços para mantê-lo na universidade, caso ele consiga chegar neste nível de ensino. Isto, aliado a uma economia pujante como a chinesa, em um cenário estrutural de menor desigualdade social quando comparado ao Brasil, é provável que pelo menos as famílias que têm filhos na universidade disponham de maior facilidade para encontrar oportunidades que permitam renda suficiente para manter um jovem até uma faixa etária mais elevada.

Cabe destacar que a China é um país que tem experimentado um crescimento acelerado da economia nas últimas décadas e uma integração cada vez maior e mais forte com a economia global. Neste contexto, mesmo que este país seja reconhecido como um grande produtor de manufaturados de baixo valor agregado ou dependente de tecnologias de países centrais, há de se supor que crescem muito rapidamente os empregos que demandam maior qualificação, nível de escolarização mais elevado e conhecimento de novas tecnologias. Frente a esta realidade, e como o Estado chinês é fortemente indutor da expansão econômica e do desenvolvimento do país, é possível que tenha tomado medidas variadas no sentido de permitir que os jovens que acessam o ensino superior⁴ tenham um aumento da chamada moratória juvenil

4. O capítulo 6 deste livro, de autoria de Wivian Weller, Chen Weidong e Lucélia de Moraes Braga Bassalo, trata dessa questão mais detalhadamente.

para estender o tempo de estudo, criando, assim, condições para que mais jovens possam cursar uma graduação sem necessidade de trabalhar. Isto contribuiria para que também haja na China um alargamento do espaço de juventude no ciclo vital do ser humano, fenômeno observado na maior parte do mundo.

De fato, é provável que ações governamentais de incentivo ao ensino superior, de manutenção e assistência estudantil, que permitem aos jovens se dedicarem integralmente aos estudos, estejam mais acessíveis aos jovens universitários chineses do que aos brasileiros.

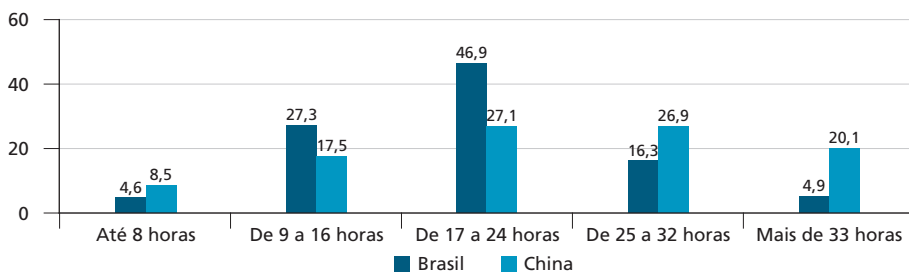
Outro aspecto relevante a ser considerado é que as universidades não são instituições homogêneas, mesmo se fossem comparadas dentro de um mesmo país. As exigências de cada curso são distintas. Alguns funcionam em período integral e supõem total dedicação, outros têm carga horária menor e podem ser diurnos ou noturnos. Também a avaliação do aprendizado varia entre instituições e cursos, utilizando critérios mais rígidos ou mais flexíveis. Estão também muito dispersas no espaço urbano, tornando-se mais acessíveis para alguns estudantes e mais distantes para outros. Todos estes fatores influenciam na possibilidade de os jovens universitários trabalharem ou não.

Na China, o sistema de ensino superior parece ser bem menos adaptado à realidade de um jovem trabalhador do que o brasileiro, e por ser mais exigente em termos de carga horária, diminui muito a possibilidade de os universitários chineses compatibilizarem estudo e trabalho, pelo menos os com cargas horárias mais extensas. Considerando todos os estudantes pesquisados, cerca de 92% dos jovens chineses afirmam estudar em turno integral, frente a apenas 23% dos brasileiros. No Brasil, a maior parte dos jovens universitários diz estudar em apenas um turno, especialmente no noturno (40%) e no matutino (35%).

GRÁFICO 1

Brasil e China: distribuição dos jovens universitários que trabalham pela carga horária de estudo por semana em sala de aula (2012)

(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

Quanto ao número de horas passadas em sala de aula, o gráfico 1, que inclui somente os jovens universitários que trabalham, mostra que este tempo é consideravelmente maior para os chineses do que para os brasileiros.

Quase metade dos jovens universitários chineses que trabalham (47,0%) passam vinte e cinco horas ou mais por semana em sala de aula, frente a apenas 21,2% dos brasileiros. Quase metade dos brasileiros (46,9%) e pouco mais de um quarto dos chineses passam um tempo considerado médio, de dezessete a vinte e quatro horas semanais. Menos horas que isto é a realidade de 22,1% dos chineses e de 31,9% dos brasileiros.

Outro aspecto importante em relação à realidade de trabalho dos jovens universitários que a pesquisa permite é a comparação por tipo de universidade. A amostra desta pesquisa compreende jovens universitários de três tipos diferentes de universidade em cada país: as de excelência (tipo 1); as intermediárias (tipo 2); e as menos concorridas (tipo 3). No caso do Brasil, o tipo de excelência incorporou na amostra somente universidades públicas, e os dois demais tipos somente universidades privadas. A tabela 3 traz a realidade de trabalho dos jovens universitários brasileiros por estes tipos de universidade.

TABELA 3

Brasil: ocupação do jovem universitário, por tipo de universidade (2012)
(Em %)

	Universidades públicas (tipo 1)	Universidades privadas	
		Tipo 2	Tipo 3
Trabalha	41,3	60,0	56,0
Trabalha sem remuneração	8,8	5,5	4,7
Está procurando trabalho	8,7	15,9	16,3
Não trabalha	41,2	18,6	23,0
Total	100,0	100,0	100,0

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

Nas universidades privadas há claramente maior número de jovens que trabalham ou estão procurando trabalho, em relação às universidades públicas. Dos jovens que estudam em universidades intermediárias (tipo 2), 60,0% trabalhavam à época da pesquisa, e dos jovens que estudam em universidades menos concorridas (tipo 3), 56,0% estavam trabalhando. O número de jovens que estava buscando trabalho remunerado na semana anterior à pesquisa é praticamente o dobro nas universidades privadas (tipo 2 e 3) – cerca de 16,0% – em relação as públicas (tipo 1) – 8,7%. O trabalho sem remuneração, que possivelmente inclui trabalhos ligados a atividades que agregam no desenvolvimento do graduando,

são mais comuns nas públicas, com 8,8% dos jovens estudantes nesta situação, do que nas privadas, com cerca de 5,0%.

Outra possível explicação para a diferença entre China e Brasil na realidade de trabalho dos jovens universitários é que, no Brasil, é marcante a presença nas universidades de sujeitos já há muito inseridos no mercado de trabalho, que retornam aos estudos após uma trajetória de interrupções ou de atraso escolar. Nos últimos anos, a diminuição significativa das taxas de desemprego e o aumento de renda dos mais pobres, assim como a expansão do ensino superior público e a distribuição de bolsas para o ensino privado, significaram incentivos para que mais jovens brasileiros se desafiassem a suportar a difícil convivência de jornadas de trabalho extensas, com horas a mais no estudo regular.

Mas isso explica apenas uma parte das diferenças entre Brasil e China em relação à situação dos jovens universitários e o trabalho. Um olhar menos atento poderia considerar que a falta de similaridade entre a realidade brasileira e a chinesa é que, nesta última, há mais jovens cursando ensino superior na idade correspondente a esta fase de ensino, enquanto no Brasil, com a expansão recente do ensino superior, muitas pessoas mais velhas e já inseridas no mundo do trabalho têm buscado cursos de graduação. De fato, o estudante considerado “regular”, egresso do ensino médio e que chega a entrar na universidade, o faz por volta dos 17 ou 18 anos e terminaria seu curso, no mais tardar, com 24 anos. Esta é uma situação comum nos países mais ricos e também na China, mas não é o que ocorre no Brasil. A realidade brasileira, inclusive, indica a existência de estudantes de ensino superior com idade média maior que a dos chineses. Segundo o censo demográfico brasileiro, em 2010 (IBGE, 2010), 52% dos estudantes do ensino superior tinham 25 anos ou mais de idade, sendo que esta participação aumenta rapidamente, pois no ano de 2000 esta faixa etária mais alta representava 42% do total de estudantes (Corbucci, 2014).

Mesmo, porém, considerando essa diferença de composição do ensino superior entre Brasil e China, a pesquisa faz um recorte claro no público mais jovem, de até 24 anos, que está no ensino superior nos dois países. Caso considerasse não apenas os mais jovens, mas a totalidade dos estudantes que estão no ensino superior em ambos os países, a comparação entre a situação de trabalho mostraria uma realidade mais distante ainda entre as duas situações.

Medidas sociais recentes em relação ao ensino superior, verificadas no Brasil, também favoreceram o ingresso de jovens dos setores populares nas universidades. À já citada expansão do ensino superior público e à distribuição de bolsas para as instituições privadas de ensino superior soma-se a expansão do financiamento estudantil, a interiorização das universidades públicas, com abertura de unidades em cidades e regiões distantes dos grandes centros, a ampliação dos cursos noturnos nas

universidades públicas, e a política de cotas raciais e para alunos oriundos de escolas públicas. Os setores populares brasileiros tradicionalmente já desenvolviam estratégias para poder ampliar a escolarização. Um exemplo é o ensino médio ligado ao ensino técnico, visto pelas famílias mais pobres como um caminho viável para que o jovem possa prosseguir nos estudos e ter acesso ao ensino superior, com condições de conseguir um emprego melhor, suficiente para se manter enquanto está na universidade. Não é de se estranhar que, de fato, uma vez no curso superior, boa parte dos jovens dos setores populares concilie trabalho e estudo.

3 COMO OS JOVENS UNIVERSITÁRIOS BRASILEIROS E CHINESES VEEM O TRABALHO?

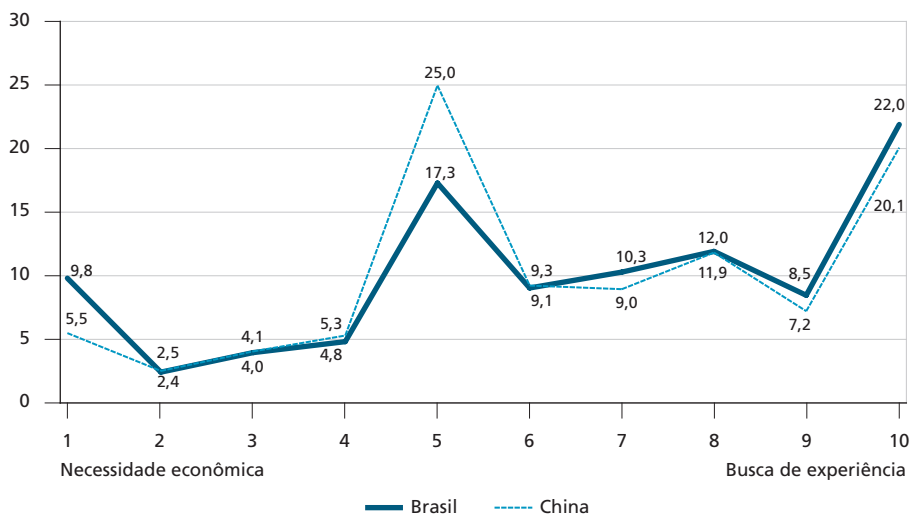
Entender as motivações da juventude em relação ao trabalho é bastante complexo. Obviamente, antes de qualquer coisa, o trabalho está relacionado à necessidade de sustento. Especialmente nos setores populares, trabalhar desde cedo pode ser uma condição de sobrevivência. A busca por autonomia econômica e por respeitabilidade social no meio em que vivem também é relevante para os jovens. Além disso, muitos outros aspectos se cruzam e formam significados que nem sempre são de fácil compreensão. Há, por exemplo, diferenças entre as fases do ser jovem. Para os adolescentes, o trabalho pode estar associado também a conseguir dinheiro para ter acesso a bens de consumo e de lazer próprios da faixa etária. Nos estratos etários intermediários da juventude, o trabalho pode se focar mais nas perspectivas futuras relacionadas a ele. Em ambos, é comum o trabalho do jovem ser encarado ainda no contexto familiar, em uma situação de independência econômica limitada.

Os jovens universitários, quando trabalham, não parecem fugir à regra. O custo de estar na universidade, mesmo nas públicas gratuitas, como é o caso do Brasil, ou com taxas escolares relativamente baixas, como na China, é muito alto. Gasta-se com alimentação, livros, transporte e inclusive moradia, já que nem sempre a universidade está na cidade ou próxima do local de origem do jovem, e o acesso deste à moradia universitária gratuita geralmente é limitado. À necessidade de se obter renda soma-se à busca por oportunidades de se obter aprendizado ou experiência, como é o caso dos estágios, visando a uma reinserção futura em melhores condições no mercado de trabalho, após o diploma de profissional graduado.

Visando comparar as motivações com que jovens universitários, do Brasil e da China, veem seu trabalho, foi apresentada, para a amostra da pesquisa, uma escala de 1 a 10, na qual quanto mais perto de 1 o jovem indicasse, significaria que ele buscou o trabalho que possui por necessidade econômica; já quanto mais perto de 10, indicaria que a motivação foi para busca de experiência. Os números intermediários representam diferentes graus de equilíbrio entre estes dois extremos. O resultado é apresentado no gráfico 2.

GRÁFICO 2

Distribuição dos jovens universitários brasileiros e chineses que trabalham conforme motivação (2012)
(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

Chama atenção que, em linhas gerais, há similaridade entre a visão brasileira e a chinesa. Aproximadamente 21,0% dos jovens universitários brasileiros e 17,4% dos chineses encaram o trabalho mais como uma necessidade econômica (escalas 1, 2, 3 e 4), embora os jovens brasileiros tenham dado uma ênfase maior no extremo (escala 1), com 9,8% indicando que é unicamente por necessidade econômica, frente a 5,5% dos chineses que indicaram o mesmo. As categorias médias (escalas 5 e 6) representam 34,3% para os jovens chineses, e 26,4% para os brasileiros, uma clara ênfase maior em relação aos chineses. As categorias nas quais predominam aspectos ligados à busca por experiência (escalas 7, 8, 9 e 10) foram indicadas por mais da metade dos brasileiros (52,8%) e por quase metade dos jovens chineses (48,2%). Assim como no outro extremo, neste caso, também os brasileiros predominam, mas com uma diferença percentual menor entre os dois países, pois para 22,0% dos jovens brasileiros, a busca por experiência é absolutamente primordial, frente a 20,1% dos chineses.

Uma possível explicação para a relevância da motivação voltada menos à necessidade econômica nos jovens universitários em relação ao trabalho, e mais à busca por experiência, está na suposição de que o jovem da contemporaneidade estaria menos preso a tensões e dilemas em relação à ética do trabalho, oriundos de questões econômicas – ter sucesso, ser reconhecido, não perder o emprego etc. – do que os de gerações passadas (Aragão, 2008). Fruto disso, os jovens universitários

podem ter um comportamento, em média, menos comprometido com mudanças constantes de emprego e menos pressionado para estar no mercado de trabalho do que o conjunto da juventude e, em especial, dos jovens dos setores populares, o que abre espaço para se encarar o trabalho também no contexto da formação universitária, visando a uma melhor inserção no futuro. A questão da necessidade econômica, porém, permaneça também relevante. No caso dos chineses, a política do filho único pode ser um fator que permite às famílias de estudantes universitários terem melhor margem de manobra para manter o membro familiar na universidade, o que, por sua vez, permite que estes jovens encarem o trabalho, em parte, de forma também complementar à formação universitária.

De qualquer modo, o quadro pode ser interpretado de maneira relativamente positiva, pois conciliar estudo e trabalho pode ser mais viável, caso este último esteja subordinado ao primeiro. Ou seja, o trabalho integrado à dinâmica do estudo e da aprendizagem, como parte do esforço de relacionar teoria e prática, pode ser até desejável para os sistemas de ensino. Quando o trabalho do jovem universitário é motivado por necessidade econômica ou por busca de autonomia frente à família, há aí um caráter mais “dilemático” (Cardoso e Sampaio, 1994).

Para um outro grupo (mais de 50% dos jovens universitários chineses e um quarto dos brasileiros), conciliar trabalho com estudo não é uma realidade. Foi solicitado que estes jovens indicassem a motivação de se dedicar unicamente aos estudos e não estarem em busca de trabalho. Também foram incluídos os jovens que exercem trabalho não remunerado. As respostas estão na tabela 4.

Há grande similaridade entre China e Brasil nas motivações dos jovens universitários que não têm um trabalho remunerado. Os quatro motivos principais seguem a mesma ordem de colocação nos dois países, embora com pesos percentuais diferentes. Os demais revelam particularidades da realidade dos jovens universitários em cada um dos dois países.

Em primeiro lugar, o tempo dedicado aos estudos é apontado por 26,6% dos chineses e quase 30,0% dos brasileiros como o motivo para estarem sem trabalho remunerado. Esta leve relevância maior dos brasileiros em relação aos chineses, em uma rápida análise, parece estranha, já que como foi apresentado, a carga horária em sala de aula dos chineses é consideravelmente maior que a dos brasileiros.

Mas o motivo apontado em segundo lugar como mais importante em ambos os países dá pistas do porquê desta diferença. Na China, 25,0% dizem não trabalhar pois não têm necessidade, frente a 17,8% dos brasileiros. Por este dado, é possível inferir que há maior tranquilidade entre os jovens chineses que estão na universidade quanto a condições para se manterem sem trabalhar, o que os faz apontar com mais frequência do que os brasileiros o motivo “não preciso trabalhar”

como a causa de não estarem trabalhando de forma remunerada, mesmo tendo carga horária de estudos em sala de aula mais elevada.

TABELA 4

China e Brasil: motivos dos jovens universitários que não trabalham de forma remunerada ou não procuram emprego (2012)
(Em %)

Motivo	China	Brasil
O tempo dedicado aos estudos impede que eu trabalhe	26,6	29,9
Não preciso trabalhar	25,0	17,8
Minha família não deixa ou não gosta que eu trabalhe enquanto estudo	14,0	11,6
Não encontro trabalho ou estágio fora dos horários das aulas	10,6	11,2
Não sei onde procurar trabalho	10,0	5,7
O local de trabalho é sempre muito longe	4,6	4,3
Não encontro trabalho ou estágio na minha área de estudo	3,6	4,0
O salário oferecido é sempre muito baixo	2,6	5,3
Nunca tenho a qualificação ou a experiência exigidas nas seleções	1,8	7,6
Sinto-me discriminado(a) nas seleções de trabalho	0,7	0,5
As normas da universidade não permitem que eu trabalhe	0,5	2,3
Total	100,0	100,0

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cyra.

Em terceiro lugar está a influência das famílias sobre os jovens, o que mantém relação com a motivação anterior. A diferença com a motivação anterior é que, nesta, ao apontar a contrariedade da família, o jovem parece indicar algum desejo latente por estar trabalhando, mesmo sem necessidade. Este aspecto é particularmente importante na China, em que é forte a cultura de respeito pela família e os jovens tradicionalmente sentem a pressão familiar pelo sucesso profissional.

A quarta motivação mais relevante, não encontrar trabalho fora dos horários de aula, é uma característica que guarda relação com a própria organização das aulas nas universidades, não só com muitos horários no período diurno, mas também com a variação destes horários ao longo da trajetória do estudante, o que os impedem de ter suas horas vagas organizadas de forma a estarem compatíveis com o exigido em um trabalho.

Em quinto lugar para a China, e em sexto para o Brasil, está um aspecto que guarda relevância com o processo de inserção da juventude como um todo no mercado de trabalho: a inexperiência, até mesmo para saber onde buscar um emprego. Este aspecto é mais relevante na China (10,0%) do que no Brasil (5,7%), o que indica que, para os chineses, a inexperiência neste quesito pode se prolongar mais na idade, dada uma maior linearidade das trajetórias dos estudantes

universitários e mais homogeneidade na faixa etária do que no caso dos brasileiros, em que até mesmo os jovens de até 24 anos que estão na universidade sem trabalhar podem já ter tido experiências de trabalho anterior.

Por fim, dois são os aspectos de certa relevância para o Brasil – quinto e sétimo lugares – e que tiveram menos relevância na China. Trata-se do sentimento dos jovens brasileiros de que suas buscas por emprego esbarram sempre na falta de qualificação ou experiência (7,6%), o que os faz não procurar trabalho, e também as baixas remunerações oferecidas aos jovens, mesmo aos graduandos, que são a razão de 5,3% dos jovens universitários brasileiros não estarem trabalhando ou buscando emprego.

Esse último aspecto do salário guarda também relação com os desejos e as expectativas sobre o trabalho em geral, inclusive sobre a carreira profissional após a formatura. Para a maioria, o diploma de nível superior é visto como uma oportunidade de mobilidade social, que resultaria em uma colocação profissional mais promissora, com resultados positivos quanto à realização pessoal, *status*, direitos sociais, salários etc. Para traçar um perfil sobre como a juventude universitária vê determinadas questões que guardam relação com este quadro de expectativas, foram enumerados alguns aspectos relacionados ao trabalho geral, no qual o jovem que respondeu à pesquisa indicou um grau de importância de cinco níveis: nada, pouco, indiferente, importante, ou muito importante. O gráfico 3 traz os resultados isolados em cada aspecto, apenas com o percentual que ele indicou como muito importante.

O relevante dos pontos presentes no gráfico 3, analisados pelo percentual de jovens que os considera muito importante,⁵ é basicamente a comparação entre a opinião de chineses e a de brasileiros para encontrar diferenças ou similaridades, embora também haja relevância na comparação entre os pontos em si, de quais têm mais importância para os jovens e quais têm menos. Dito isso, em primeiro lugar chama atenção a posição dos jovens universitários brasileiros com percentuais mais altos que os jovens chineses, para considerar muito importantes aspectos relacionados diretamente à qualidade do trabalho ou do emprego que eles desejam. São pontos como um ambiente de trabalho que propicie oportunidade de crescimento profissional, considerado muito importante por 75,2% dos jovens universitários brasileiros e por 43,0% dos jovens universitários chineses; fazer o que gosta ou se realizar pessoalmente no trabalho, muito importante para 76,3% dos brasileiros e para 48,8% dos chineses; boas condições de trabalho,

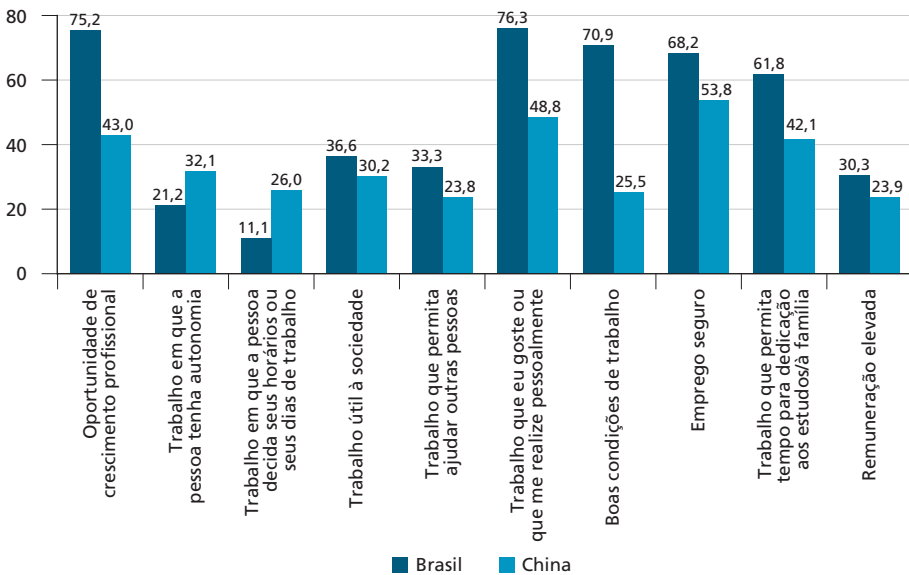
5. Uma ressalva é que nas respostas dos jovens brasileiros houve uma tendência maior destes em se colocarem no extremo positivo da escala “muito importante”, quando comparados aos chineses. Mesmo levando em consideração os outros níveis de resposta, porém, a tendência geral na comparação entre chineses e brasileiros não modifica substancialmente, razão pela qual se optou aqui por comparar os percentuais de apenas um dos níveis de resposta, o dos que consideraram “muito importante” os aspectos listados, pela facilidade maior de representação gráfica.

muito importante para 70,9% dos brasileiros e apenas 25,5% dos chineses; emprego seguro, muito importante para 68,2% dos brasileiros e 53,8% dos chineses; e, por fim, até mesmo em relação à remuneração elevada, muito importante para 30,3% dos brasileiros e para 23,9% dos chineses.

GRÁFICO 3

China e Brasil: jovens universitários que consideraram “muito importante” (em uma escala de cinco) os aspectos relacionados com o trabalho em geral (2012)

(Em %)



Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cysra.

Em segundo lugar, o destaque é que os jovens universitários chineses tiveram percentual “muito importante” maior que os brasileiros, em aspectos relacionados à liberdade individual em relação ao trabalho. São os pontos relativos a um trabalho que propicie autonomia para a pessoa que exerce, muito importante para 32,1% dos jovens universitários chineses e para 21,2% dos brasileiros; e possibilidade de a própria pessoa que trabalha definir seus dias e horários, muito importante para 26,0% dos chineses e para apenas 11,0% dos brasileiros.

Um terceiro ponto que chama atenção diz respeito à visualização no trabalho, de aspectos altruístas, que foram mais relevantes para os jovens universitários brasileiros do que para os chineses. A característica de, no trabalho, ser útil à sociedade, foi considerada como muito importante por 36,6% dos jovens universitários brasileiros e por 30,2% dos jovens chineses; a possibilidade de o trabalho ajudar outras pessoas foi considerada muito importante por 33,3% dos brasileiros e por

23,8% dos chineses; e, por fim, um último aspecto que guarda relação também com a realidade dos jovens que conciliam estudo e trabalho, é a possibilidade de se ter um trabalho que permita tempo para dedicar-se aos estudos ou à família, considerado muito importante por 67,8% dos jovens universitários brasileiros e por 42,1% dos chineses.

A tendência geral dos jovens universitários brasileiros em dar mais importância aos aspectos relacionados diretamente à qualidade do trabalho e do ambiente de trabalho que almejam, não parece vir tanto de diferenças substantivas na qualidade dos empregos que os mercados de trabalho chinês e brasileiro oferecem. Os dados certamente têm influência do fato de que os universitários brasileiros estão mais presentes no mercado de trabalho e, portanto, mais propensos a se deparar cotidianamente com as dificuldades do mundo do trabalho, inclusive com experiências de trabalho precário tão comum no Brasil, o que os faz dar mais importância a aspectos de um trabalho almejado, que lhes dê melhores condições, inclusive trabalhistas e em relação aos direitos sociais. Neste ponto, a própria expectativa em relação à conclusão da graduação e ao alcance do diploma alimenta a esperança de obtenção de um trabalho de melhor qualidade. Já os jovens universitários chineses, por estarem em sua maioria fora do mercado, não têm ainda os pontos relacionados à qualidade do trabalho tão presentes, razão pela qual o percentual dos que consideram muito importante estes aspectos é menor do que o dos brasileiros.

Em relação às liberdades individuais e à autonomia como aspectos gerais do trabalho, o percentual dos que consideram muito importante foi baixo nos dois países. Assim, vê-se que talvez para estes estudantes seja mais importante ter como meta a suposição de um emprego seguro do que ter um emprego em que o atributo da autonomia, da flexibilidade de horário e dos dias de trabalho seja considerado, até porque este não parece ser um padrão do mercado de trabalho dos países como Brasil e China. De qualquer forma, mesmo baixos, os percentuais da China foram consideravelmente mais altos que os do Brasil. Este fato pode estar relacionado a percepções diferentes nos dois países em relação às liberdades em geral, relacionadas até mesmo com o sistema político de cada um, que se projetam inclusive nas expectativas em relação ao mundo do trabalho.

Os aspectos altruístas, menos relevantes entre os jovens universitários chineses do que os brasileiros, podem estar relacionados ao ambiente altamente competitivo implantado na educação chinesa, inclusive em relação ao ingresso no ensino superior, que acaba moldando valores nos indivíduos. Mas também podem estar relacionados, em parte, a peculiaridades da geração jovem atual chinesa e aos impactos das ações de controle demográfico. A política de planejamento familiar, a partir dos anos 1960, que preconiza no máximo dois filhos por casal, e a política do filho único, implantada a partir dos

anos 1980, fizeram da atual geração jovem uma geração quase sem irmãos e com poucos primos. Este jovem, ao mesmo tempo em que é colocado em um sistema de educação bastante competitivo, recebe toda a atenção dos pais. Não se trata, obviamente, de concluir aqui que o valor da solidariedade é importante ou não para os jovens chineses, mas apenas de apresentar elementos que explicam a diferença nos números destes em relação aos dos jovens brasileiros.

4 EXPECTATIVAS DE FUTURO

A incerteza quanto ao futuro é comum na juventude, inclusive na juventude universitária, que já passou por um processo importante de definições, com a escolha da graduação. As dúvidas em relação às perspectivas profissionais, por sua vez, são especialmente importantes, ainda mais em países em que o mercado de trabalho é bastante instável ou passa por processo de rápidas transformações, como no Brasil e na China. Ainda assim, muitos jovens universitários sentem-se confiantes na trajetória escolhida, estabelecem planos profissionais, alguns com metas razoavelmente claras, e iniciam um percurso na tentativa de realizá-los. Outros, entretanto, chegam ao final da graduação com poucas definições sobre o que pretendem fazer.

Não é incomum, também, a frustração de alguns jovens com suas expectativas iniciais. Por exemplo, pretensão de ingresso ou estabilidade no mercado de trabalho após a graduação que, na medida em que se aproxima a formatura, o jovem pode constatar que irá demorar ou não ocorrer facilmente. Diante de incertezas, parte-se para a reformulação de projetos de vida, buscando outras trajetórias, tais como a opção de cursar outra graduação ou de fazer pós-graduação, o ingresso em um trabalho de menor remuneração que possibilite experiência na profissão, a ocupação de um emprego em uma área diferente de seu curso superior ou, até mesmo, a busca de trabalho em outras cidades ou países. A relação que o jovem estabelece ou irá estabelecer com o mundo do trabalho também está intimamente ligada a outros processos de transição que caracterizam este ciclo da vida, como a constituição de domicílio próprio ou de uma nova família, o casamento etc.

Nesta seção, são apresentados alguns dados sobre as expectativas futuras dos jovens universitários, relacionando seus planos em relação ao mundo do trabalho. Os dados sobre diferentes pretensões que os jovens universitários brasileiros e chineses têm para o período imediato após a graduação estão na tabela 5.

Chama atenção que uma parte considerável dos jovens brasileiros e chineses preveem seus futuros próximos após a graduação, sem que o trabalho necessariamente ocupe o primeiro lugar de suas vidas, pois pretendem não trabalhar imediatamente ou continuar conciliando estudo e trabalho.

TABELA 5
Brasil e China: jovens universitários por sexo e o que pretendem fazer após a formatura na graduação (2012)
 (Em %)

Aspiração após a graduação	Brasil			China		
	Mulher	Homem	Total	Mulher	Homem	Total
Fazer pós-graduação	66,1	59,8	63,4	40,3	56,7	46,8
Trabalhar no setor público	34,6	27,3	31,5	27,7	16,6	23,6
Trabalhar no setor privado	13,7	23,9	18,0	18,5	18,0	18,5
Montar o próprio negócio ou sociedade	9,7	14,3	11,7	3,8	12,1	6,9
Morar um tempo fora do país	14,8	12,6	13,9	4,9	9,2	6,9
Fazer outra graduação	9,9	10,6	10,2	8,3	3,3	6,5
Viajar para o exterior	11,7	9,0	10,5	6,5	4,4	5,8
Outras iniciativas	4,2	5,9	4,9	15,2	7,0	12,1
Não sabe	1,8	2,6	2,1	8,2	5,5	7,3

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cycra.

Obs.: Cada respondente pode indicar até dois itens, por isso os percentuais não somam 100%.

Em ambos os países, os jovens universitários afirmam, em grande número – mais da metade dos jovens universitários brasileiros pesquisados (63,4%) e quase a metade dos chineses (46,8%) –, pretender ampliar a formação universitária por meio de uma pós-graduação. A diferença é que mais mulheres jovens brasileiras (66,1%) pretendem seguir na universidade em relação aos jovens homens (59,8%). Já na China é o contrário, com uma diferença entre mulheres (40,3%) e homens (56,7%) ainda mais significativa. Também continuar na universidade, no entanto fazendo outra graduação, é a expectativa de 10,2% dos brasileiros e de 6,5% dos chineses.

É provável, porém, que esse alto índice de jovens que pretendem seguir na universidade – 73,6% dos brasileiros e 53,3% dos chineses –, principalmente fazendo uma pós-graduação, não se concretize na prática. A expectativa, no entanto, existe claramente e pode ser resultado da continuidade de valores éticos e sentimentos já existentes nestes jovens e em suas famílias em relação ao próprio ingresso na graduação. A obtenção de diplomas e certificados de formação tradicional se insere na estratégia das famílias e dos próprios jovens para obter garantias de uma suposta maior e melhor empregabilidade, de realização profissional e mobilidade social ascendente.

Na China, essa estratégia familiar é particularmente relevante, já que a política do filho único e um sistema reconhecidamente deficiente de seguridade social fazem com que os pais dependam muito, na velhice, deste filho único.

Além disso, mesmo que dados e estudos demonstrem certo arrefecimento da capacidade dos diplomas e certificados garantirem isso, especialmente quando aumenta o número dos que o detêm, como nos processos de expansão da abrangência do ensino superior, a estratégia de aumentar a qualificação mediante prolongamento dos estudos permanece. Neste contexto, a busca por “diferenciais”, no caso um diploma de pós-graduação, passam a ter mais relevância. Particularmente no Brasil, tradicionalmente a estrutura de nível superior valorizou muito a pós-graduação (programas de mestrado e doutorado), o que pode estar se refletindo no alto número de graduandos que desejam acessar este nível de ensino.

As opções relacionadas à permanência ou ao ingresso imediato no mercado de trabalho após a graduação – trabalhar nos setores público/privado ou montar o próprio negócio – aparecem em segundo lugar no seu conjunto, como mais relevantes nos dois países, pois fazem parte do caminho que 61,2% dos jovens universitários brasileiros e 49,0% dos chineses pretendem seguir logo após a graduação, o que significa que permanece, nesta etapa, a participação no mercado de trabalho mais relevante para os jovens universitários brasileiros do que para os chineses, embora diminua bastante a diferença, se comparada ao período da graduação. Há, porém, maiores similaridades agora, com índice significativo nos dois países em relação aos jovens que pretendem buscar um trabalho no setor público, tão logo se formem. São 31,5% dos brasileiros e 23,6% dos chineses. Em ambos, o percentual de jovens mulheres que pretendem seguir este caminho é maior que o de homens. Trabalhar no setor privado é um caminho para cerca de 18,0% dos jovens, tanto no Brasil quanto na China. A diferença é que no Brasil, ao contrário dos que pretendem trabalhar no setor público, agora são os homens que, em termos relativos, têm isso como prioridade, com 23,9%, enquanto apenas 13,7% das jovens mulheres brasileiras pretendem conseguir um emprego no setor privado assim que formadas.

Montar o próprio negócio ou sociedade é um desejo de mais jovens universitários brasileiros (11,7%) do que chineses (6,9%). Morar um tempo fora do país ou fazer uma viagem ao exterior após a graduação, considerados em conjunto, são mais relevantes nas pretensões para os jovens universitários brasileiros (24,4%) do que para os chineses (12,7%). O contrário se verifica entre os jovens que ainda não têm ideia do que pretendem fazer após a conclusão da graduação, pois apenas 2,1% dos brasileiros estão nesta situação, enquanto entre os chineses o fato tem uma incidência maior, com 7,3%.

Quanto à perspectiva profissional futura, independentemente se imediatamente após a graduação ou não, os jovens universitários, tanto brasileiros quanto chineses, têm pretensão, em sua maioria, de continuar ou buscar um trabalho na área de graduação. Este índice, contudo, é significativamente mais relevante entre os jovens brasileiros do que entre os chineses, como mostra a tabela 6.

TABELA 6
Brasil e China: perspectiva profissional futura dos jovens universitários (2012)
 (Em %)

	Brasil	China
Pretende buscar um trabalho na área de graduação	69,8	53,7
Já tem trabalho na área de graduação, e pretende continuar nele	19,2	8,9
Pretende buscar um trabalho fora da área de graduação	5,3	14,0
Pretende buscar um trabalho em qualquer área	3,6	12,6
Já tem trabalho fora da área de graduação, e pretende continuar nele	2,0	4,6
Não pretende buscar trabalho	0,2	6,2
Total	100,0	100,0

Fonte: Ipea, SBS, CYCRC e Cybra.

No Brasil, um total de 89,0% dos jovens universitários aposta em um trabalho nas suas áreas de graduação, considerando os que pretendem buscá-lo (69,8%) ou continuarem em um que já possuem (19,2%). Além disso, 3,6% informaram que pretendem procurar um trabalho em qualquer área, o que significa um valor bem maior ao fato de estar trabalhando, do que propriamente de seguir a carreira na área de graduação. O percentual elevado dos que pretendem buscar um emprego na área de graduação não significa que também não possam mudar de percurso, aceitar trabalho em outra área e mesmo desistir da carreira planejada inicialmente. Mas, mesmo assim, esta pretensão alta é um dos indícios de que a escolha da graduação está em melhor sintonia ou acaba entrando em harmonia no decorrer do curso superior, com os interesses dos jovens universitários brasileiros. Isto tem implicações positivas no próprio mercado de trabalho, pois quando ocorre, há mais chances destes jovens terem equacionado pelo menos os fatores pessoais, que são parte dos componentes para o sucesso profissional.

Ao mesmo tempo, a obtenção do diploma do ensino superior, que significa uma etapa de passagem bastante relevante, inclusive para os que trabalhavam durante a graduação, possibilita um reconhecimento e uma valorização social muito grande. O alcance deste grau de ensino, até mesmo para os jovens que permanecerão trabalhando no mesmo local, significa maiores possibilidades de obter promoção, troca de cargo, aumento de salário ou remuneração.

Na China, o percentual de jovens universitários que pretende buscar um trabalho na área de graduação (53,7%) ou continuar em um que já possui (8,9%) também predomina, embora com um total de 62,6%, menos relevante que o brasileiro. Há um número significativo de jovens chineses que não pretendem buscar trabalho (6,2%), sendo o caso de 9,6% das jovens universitárias e de 5,0% dos jovens. Já no Brasil, este número é insignificante, apenas 0,2%. Trabalhar ou continuar trabalhando fora da área de graduação são as expectativas de um total

de 18,6% dos jovens universitários chineses, enquanto 12,6% pretendem buscar trabalho em qualquer área.

Obviamente, expectativas quanto ao futuro imediato após a formatura, bem como especificamente em relação à vida profissional após a graduação, são mediadas, de um lado, pelas possibilidades abertas, com a obtenção do diploma e, de outro, com a imprevisibilidade que guia os acontecimentos. Não dependem unicamente dos jovens, mas inclusive e, principalmente, das condições colocadas para realizar seus desejos, o que implica compatibilidade até mesmo dos projetos políticos e econômicos de desenvolvimento de cada país, compatíveis ou não com as aspirações das suas juventudes. É certo que, na perspectiva dos jovens universitários que elaboram com mais clareza ou não seus projetos profissionais, está implícito a necessidade de um tipo de trabalho que seja mais compatível com suas aptidões e necessidades, capaz de lhes possibilitar viver com a realização plena de suas potencialidades.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar a juventude é sempre um grande desafio. As mudanças no processo histórico e nos fenômenos sociais já são constantes e complexas, mais rápidas ainda ocorrem em relação ao entendimento da juventude, dado suas características como sujeito fortemente identificado com o dinamismo, o novo, o questionamento de normas e regras, a rebeldia e mudanças sociais. Tão ou mais complexo é comparar juventudes de dois países tão distantes geográfica e culturalmente, como o Brasil e a China.

Em síntese, os dados aqui apresentados mostram que, no Brasil, ao contrário da China, os indivíduos que acessam o ensino superior entram muito mais cedo no mercado de trabalho, o que torna as trajetórias de formação superior e de trabalho conviventes para uma parcela bastante significativa. Pode-se visualizar a passagem da juventude para a vida adulta por uma série de fatores (constituição do domicílio próprio, maternidade ou paternidade, casamento etc.), mas a passagem de aluno para trabalhador, no Brasil, não é muito clara como costuma ser em países desenvolvidos. A transição da universidade ao trabalho parece ser muito mais nítida na China do que no Brasil.

Há um número também significativo de jovens chineses que trabalham, porém quando o fazem, são em jornadas de trabalho bastante reduzidas se comparadas com a dos jovens universitários brasileiros. Em compensação, os jovens universitários chineses que trabalham têm uma carga horária em sala de aula maior que a dos brasileiros na mesma situação. Na percepção dos jovens, sua motivação para conciliar trabalho e estudo no ensino superior no Brasil e na China compreende um misto mais ou menos semelhante entre necessidade econômica e busca de experiência, com uma tendência moderada em ambos os países de predomínio do aspecto da busca por experiência.

Em relação aos universitários que não trabalham, China e Brasil coincidem nos quatro principais motivos destacados por esses jovens, na seguinte ordem: incompatibilidade com o tempo de estudo; não necessita trabalhar; a família não deixa ou não gosta que o jovem trabalhe enquanto estuda; e dificuldade de encontrar trabalho ou estágio fora dos horários das aulas.

Quando confrontados com aspectos gerais do mundo do trabalho, os brasileiros deram uma importância maior do que os chineses a temas relacionados à qualidade do trabalho ou ao emprego que almejam, além de alguns aspectos altruístas em relação à vida profissional. Já os chineses deram uma importância maior do que os brasileiros a aspectos relacionados à autonomia e à liberdade em relação ao trabalho. Sobre perspectivas de futuro, surpreende que a maior parte dos jovens universitários chineses e brasileiros pretenda continuar na universidade após a graduação, a maioria para fazer uma pós-graduação e alguns para fazer outra graduação. Ingressar ou continuar no mercado de trabalho assim que concluir a graduação, com destaque para a tentativa de um emprego no setor público dos dois países, é a pretensão de mais da metade dos brasileiros e de quase a metade dos chineses. Estes últimos também são os que mais têm dúvida em relação ao futuro imediato após a graduação. Sobre a perspectiva profissional futura, a grande maioria dos jovens universitários brasileiros pretende construir uma carreira na sua área de graduação, enquanto entre os chineses – embora a maioria tenha a mesma pretensão – é mais relevante do que no caso brasileiro, o número de jovens universitários que pretende seguir carreira fora da área de graduação e até mesmo os que dizem não pretender trabalhar.

Diante desse quadro, uma reflexão que deve fazer parte das preocupações dos gestores governamentais nas áreas de políticas públicas de juventude, de educação e de trabalho, tanto da China quanto do Brasil, é se, diante do ensino superior, são necessárias medidas adicionais que ampliem a moratória social, ou seja, possibilitem que os jovens façam a graduação sem precisar trabalhar ou trabalhando menos, ou se são mais necessárias medidas que compatibilizem a educação superior com a realidade de trabalho da juventude.

Mesmo que aparentem serem medidas em sentido contrário, não são mutuamente excludentes. É provável que em qualquer cenário de ação do estado em que se procure viabilizar a ampliação do acesso ao ensino superior, políticas públicas que considerem a juventude na sua complexidade e que combinem medidas nos dois sentidos são mais adequadas.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, E. F. Os sentidos do trabalho para os jovens universitários. **O Público e o Privado**, Fortaleza, n. 11, jan.-jun. 2008.

CARDOSO, R.; SAMPAIO, H. Estudantes universitários e o trabalho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 9, n. 26, p. 30-50, 1994.

CORBUCCI, P. R. **Evolução do acesso de jovens à educação superior no Brasil**. Brasília: Ipea, abr. 2014. (Texto para Discussão, n. 1950).

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

SPOSITO, M. P. (Org.). Juventude e escolarização (1980-1998). **Estado do conhecimento**. Brasília: Inep; MEC, 2002. (Comped, n. 7).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANDRADE, C. C. Juventude e trabalho: alguns aspectos do cenário brasileiro contemporâneo. **Mercado de Trabalho**: conjuntura e análise, Brasília, v. 37, p. 25-32, nov. 2008.

CAMARANO, A. A. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: Ipea, 2006.

CASTRO, J. A.; AQUINO, L. M. C.; ANDRADE, C. C. (Orgs.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009.

FRANZOI, N. L. Inserção profissional. *In*: CATTANI, D.; HOLZMANN, L. (Orgs.). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.

POCHMANN, M. **A inserção ocupacional e o emprego dos jovens**. São Paulo: Abet, 1998.

SPOSITO, M. P. (Org.). **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

